

linhas de **s**oco madrugada em fuga

André Capilé¹

linhas de soco

§ parecia tocaia —
espreitava o arдил

[não sabia que laia
dessa gente esperar]

espia

caso o bicho pegar
vai vestir-se mandril

[mais um pouco e estoura
todo estoque de raiva]

§ traz essa madrugada
cá pra perto de mim

uns dizem que ela é flor
se for eu vou carpir

indigesto

a noite não manobra
a mão fora da luva

¹ Professor, poeta e tradutor. Publicou o ensaio *Tradução-Exu (ensaio de tempestades a caminho)*, também a peça *Uma A Outra Tempestade (Tradução-Exu)*, ambos em parceria com Guilherme Gontijo Flores (Relicário, 2022). É autor do volume de poemas *Azagaia* (Macondo, 2021), entre outros. E-mail: andrecapile@gmail.com.

fugiu pra ver a vida
e bruta ela fez curva

§ o vocabulário do ódio
é hoste que resta na boca

[violenta malta que nos ruge
— destilam sua baba louca]

turba

e já não nos sobra mais nada
nas presas agudas da víbora

[se a vida carregar a pulso
o soldo da sorte elimina]

§ diz Mumm-Ra chega e vê
a ira do mar que vem

a surra do céu —
sinistra: a procela

vendaval

se cair lá não vai
sobrar ninguém pra contar

que a paz quem tomou
foi quem bebeu da guerra

§ a pira da bilha do porco
na boca alargada da fome

[a fera fixa o hálito
o espanto lá no horizonte]

besta

espana o espantalho as gralhas
o cheiro de mijo — paúra

[em sua entranha só o expurgo
do monstro que sonha alturas]

§ vinha lá de cima a mais braba
nas coisas que a vida macumba

girava na barra da saia
na ponta da faca ela estuda

pombagira

a rua medida a seus pés
em cada canino era fúria

linhas de soco no peito
seu nome era a dura recusa

§ se vir chegar a manhã
há chance até de viver

velocidade

tambores avisam que o conta-
giros não vai ceder não vai

madrugada em fuga

prateada na librina alumia quem madruga —
vigilando sonho e vida — o capim é lã tão úmida.

seu mundo ficou menor, de caber nem não se dava.
rastros era do boi severo — o bom líder da manada.

o mais velho boiadeiro, a barra do céu mexia.
o treinamento aceitava, a criança mumufla.

tenso, foi olhar castanho — ao dar fala, ajustamento
— nome atrasado de antanho: a campina verde-inferno.

avançando morro em seta, o feroz de frente ria,
na passada sagitária dava muita simetria.

no canto do sono a jia — glabra memória bué
— não sabia o abandono (a fruta que cai do pé).

a franja do pesadelo hora tinha de anuncio —
rezava pro sete-estrela: “ela volta e renuncio”.

dançarina de campanha — a mais linda das risadas
— alegria da família: a menina madrugada.

a contagem não bateu na bordada manhãzinha —
campo é cama do sem fim, pai não vive sem a filha.

existir perdeu medida — o drama do boi sereno
— foi balar à cerca viva, o cerco ficou pequeno.

cada cria ganha um nome: chamam bois, boiadeiros —
não confunda a que se somem — homem, boi: soma inteiro.

pra se tornar caminheiro, a mãe criava um leal —
quem à terra é pasto inteiro (um mundo monstro real).

cardeal conduz a canto — ouve bem lá da comanda,

leva aonde enxerga a via e dribla em fuga a sarabanda.

definindo santo-e-senha — essa equipe esconsa enquista
(milagre teso na penha) — não ser janta é conquista.

não por têmpera covarde — o fundo informe da brenha.
em cada perna uma idade: a marcha da vida empenha.

a fruta desse medir, ninguém vai criar alarde —
a fuga em flor — ah, menina — em teu nome a terra alarme.